Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007
p. 297-310

# REUVEN FEUERSTEIN: "EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM MEDIADA: UM SALTO PARA A MODIFICABILIDADE COGNITIVA ESTRUTURAL"

*Neide Catarina Turra*[1]
PUC - SP

**Resumo:** O objetivo, neste artigo, é demonstrar a contribuição de Reuven Feuerstein para a Experiência de Aprendizagem Mediada – EAM – a qual contribui para que sujeitos mediados se tornem capazes de superar limites na apreensão e na resolução de problemas, frente às demandas da contemporaneidade. A EAM, por meio dos critérios de mediação adotados – intencionalidade/reciprocidade, significado e transcendência – possibilita flexibilização para a mudança. Esses critérios apresentam características de mediação que possibilitam potencializar, nos sujeitos mediados, o desenvolvimento de modificabilidade estrutural cognitiva que se constitui na capacidade potencial do ser humano de transformar e de transformar-se, de re-significar conhecimentos, conceitos, habilidades e atitudes.
**Palavras-chave:** Experiência de Aprendizagem Mediada, Modificabilidade, Intencionalidade, Significado.

REUVEN FEUERSTEIN: "MEDIATED LEARNING EXPERIENCE: A STRUCTURAL COGNITIVE MODIFIABILITY JUMP"

**Abstract**: This article demonstrates Reuven Feuerstein's contribution to the Mediated Learning Experience – MLE – that helps mediated individuals become capable of overcoming limits in apprehension and problem solving, provoked by contemporary demands. The MLE, through the adopted mediation criteria – intentionality/reciprocity, meaning and transcendence – enables flexibility for change. These criteria present mediation characteristics that enable the development, within mediated individuals, of the structural cognitive modifiability that constitutes the potential capability of the human being to transform themselves, the capability of re-signifying meanings, concepts, abilities and attitudes.
**Keywords**: mediated learning experience, modifiability, intentionality, meaning.

## INTRODUÇÂO

A convergência do computador para as telecomunicações, a integração de serviços como dados, vozes e imagens, a explosão da Internet e tantos outros avanços tecnológicos possibilitaram uma maior democratização das informações, agora independente das barreiras espaço-temporais.

Nesse sentido, potencialmente, qualquer indivíduo, uma vez conectado, faz parte da gigantesca rede mundial de acesso e transmissão de informações, que vem sendo chamada de ciberespaço. De acordo com Pierre Lévy (1998, p. 13), "o ser humano está provavelmente convergindo para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho".

Nas últimas décadas, há uma espécie de discurso consensual ou consciência coletiva sobre o caráter revolucionário e sem precedentes das transformações tecnológicas e culturais desencadeadas pela era digital que caracteriza, de forma marcante, o mundo contemporâneo, o mundo em que vivemos.

Dentro deste cenário, as informações renovam-se com uma velocidade espantosa e a educação assume um lugar de destaque no redimensionamento da relação indivíduo-trabalho já que estar em constante processo de atualização tornou-se condição obrigatória, tanto para o profissional se inserir no mercado de trabalho quanto para nele permanecer.

Na realidade, as mudanças ocorrem a cada dia. Dentro dos grupos empresariais é requerido um desenvolvimento veloz e a adaptabilidade é questão de sobrevivência. Todos os que estão ligados aos setores produtivos e prestadores de serviços sabem e sentem que a competição costuma ser cada vez mais feroz, que os mercados se tornam voláteis e que as pressões sofridas pelas organizações para adaptar-se rapidamente às condições de mudança, acentuaram-se.

Dentro da organização moderna, o sujeito tem que ser mais flexível, tem que ser capaz de: mudar de uma tarefa para a outra, aprender habilidades novas mesmo quando seu campo de experiência ainda não necessite delas, habituar-se à mudança freqüente de novos chefes, trabalhar em equipes organizadas para um projeto específico e concluir suas tarefas em menos tempo. Isto requer estar em alerta constante para adaptar-se às mudanças enquanto que, em relação ao futuro, vê-se mais e mais inseguro.

Suprindo essas necessidades, a Experiência de Aprendizagem Mediada proposta por Reuven Feuerstein possibilita o desenvolvimento de ferramentas teórico-metodológicas capazes de produzir Modificabilidade Cognitiva Estrutural, necessária às demandas da contemporaneidade.

Neste artigo procurou-se evidenciar a viabilidade da aplicação de processos de aprendizagem mediada tendo como referência teórico-metodológica a teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada – EAM - de Feuerstein. A teoria contém os fundamentos necessários para explicar o papel da mediação na produção de processos que permitem desenvolver, nos sujeitos, a capacidade de reaprender "competências" profissionais para os novos enfoques de gestão de processos, produtos e relacionamentos empresariais, contemporâneos.

## A Experiência de Aprendizagem Mediada – EAM

Reuven Feuerstein nasceu na Romênia, em 1921, e reside em Israel desde 1944. Em 1965, tornou-se diretor do "Hadassah-Wizo-Canada Research Institute". Hoje é diretor do atual "International Center for the Enhancement of Learning Potencial", fundado em 1993. É professor, desde 1970, na Escola de Educação da Universidade Bar llan, em Ramas Gan, em Israel, e na Escola de Educação da Universidade Vanderbilt, em Nashville, nos Estados Unidos.

Em 1970, Feuerstein concluiu sua tese de doutorado na Sorbonne/Paris, na área de Psicologia, com o título: *Les differences de foncionnement cognitif dans lês grupes sócio-ethniques differents*. Leur nature, leur etiologie er les pronostics de modifiabilité (Diferenças do funcionamento cognitivo em diferentes grupos sociais e étnicos. Sua natureza, sua etiologia e prognósticos de modificabilidade). Estudou na Universidade de Genebra sob a orientação de Jean Piaget, tendo como interlocutores André Rey, Barbel Inhelder, M. Richele, M. Jeannet, C. Jung. Autores como D. P. Ausubel, H. Aebli, A. Anastasy, J. T. Campbell, A. R. Lúria e Vigotsky constam de sua biblioteca, podendo ser considerados, também, uma referência à construção de sua teoria, pautada mais em teorias sociológicas e pedagógicas que médicas.

Reuven Feuerstein baseia-se no fato de não se poder nunca prever limites para o desenvolvimento psicológico, nem simplesmente classificar pessoas sem conhecimento prévio da propensão de aprendizagem das mesmas. O autor, metodologicamente, caminha numa direção oposta às teorias que, ao abordarem a relação desenvolvimento/aprendizagem, localizam a origem dos problemas ora nos indivíduos, ora nas condições de estímulo oferecidas aos indivíduos pelo meio em que vivem.

Para Feuerstein, a Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM) é importante porque acontece, justamente, em interações sociais nas quais as pessoas produzem processos de aprendizagem que lhes possibilitam apropriar-se de conhecimentos e reelaborá-los, chegando a elevados patamares de entendimento. Simples exposição a estímulos ou experiências físicas e cognitivas com os objetos não proporcionaria aos sujeitos o mesmo nível de conhecimento.

> (...) uma interação qualitativa entre o organismo e seu meio ambiente. Esta qualidade é assegurada pela interposição intencional de um ser humano que medeia os estímulos capazes de afetar o organismo. Este modo de interação é paralelo e qualitativamente diferente das modalidades de interação generalizadas e difusas entre o mundo e o organismo, conhecido como contato direto com o estímulo (FEUERSTEIN, 1994, p. 7).

Este autor argumenta que a modificabilidade do sujeito é, necessariamente, a modificação da relação do sujeito consigo próprio no - e com o - seu entorno. Feuerstein

ISSN 1809-5208

Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007 p. 297-310
UNIOESTE CAMPUS DE CASCAVEL

(1980, p.9) propõe que "há uma relação dinâmica constante do sujeito com o ambiente, estando ambos em movimento e interagindo com a realidade sociocultural".

Feuerstein (1997) rompe paradigmas inatistas no campo do estudo cognitivo, contestando, por exemplo, a crença de que a idade e as anomalias cromossômicas sejam determinantes irreversíveis que impedem, no ser humano, o desenvolvimento pleno dos processos mentais complexos.

De acordo com Feuerstein, para se produzir uma aprendizagem significativa torna-se imprescindível a dupla 'mediador-mediado' que, ao desenvolver os critérios de mediação, possibilita a interação e a modificabilidade, já que é somente por meio da interação do sujeito com outros sujeitos capazes de mediar informações necessárias, estando estes sujeitos integrados a um meio ambiente favorável e estimulante, que o desenvolvimento cognitivo acontece. Desta forma, a interação é influenciada por determinadas características do organismo (incluindo aquelas de hereditariedade, maturação e similares) e qualidades do meio ambiente (oportunidades de educação, *status* socioeconômico, experiência cultural, contatos afetivos e emocionais com outros significantes). Estes fatores, podem, em situações adversas, provocar o que Feuerstein (1997) denomina de "Síndrome de Privação Cultural", entendida, aqui, como característica de um sujeito que não foi, de forma plena, integrado à cultura de seu meio.

A privação humana pode ocorrer de muitos modos, uns mais remediáveis do que outros. Na abordagem do desenvolvimento humano, a questão da privação cultural pode manifestar-se desde o analfabetismo e falta de cuidados com a saúde até ao desemprego e à indigência. As dimensões culturais do desenvolvimento humano exigem cuidadosa atenção por três razões.

A primeira razão é que o desenvolvimento ocorre à medida que os sujeitos possam viver como quiserem tendo a oportunidade de escolher entre as opções que têm – ou podem ter. A tomada de consciência das possibilidades de escolhas deve ser um aspecto central do desenvolvimento humano e exige que o sujeito, além de escolher, seja capaz de usufruir e transcender as oportunidades sociais, políticas e econômicas, uma vez que, por si sós, estas não garantem inclusão sócio-cultural.

A segunda razão advém do fato de que a cultura estabelece uma relação importante entre rendimentos econômicos relativos e capacidades de desenvolvimento absolutas. Foi Adam Smith quem primeiro fez esta ligação entre privação cultural e pobreza econômica. Assinalava que "a privação relativa de rendimentos na comunidade local pode levar à privação social absoluta". Para ele, os chamados "bens de primeira necessidade" não são apenas aqueles indispensáveis para o sustento, mas todos os que a sociedade considera indigno que alguém não possua. (SMITH, In: Relatório de Desenvolvimento Humano, p. 13. PNUD, 2004).

Como terceira razão menciona-se o fato de que a própria noção de pobreza humana exige investigação de privação cultural, já que, na verdade, como acima mencionado, a cultura estabelece relação importante entre rendimentos relativos e capacidades humanas absolutas.

Na concepção de Amartya Sen (Prêmio Nobel de Economia, 1998) só há desenvolvimento humano quando os benefícios do crescimento servem à ampliação das capacidades humanas, entendidas como o conjunto de coisas que as pessoas podem ser, ou fazer, na vida. Ele destaca 04 aspectos como elementares: "ter uma vida longa e saudável, ser instruído, ter acesso aos recursos necessários a um nível de vida digno e ser capaz de participar da vida da comunidade" (SEN, 1999, p. 22). A privação cultural funciona, muitas vezes, através do processo de exclusão, duplamente qualificado: a exclusão cultural e a exclusão de participação na comunidade. Estas duas formas de exclusão talvez sejam o que melhor permite entender o desenvolvimento humano e por sua vez, compreender o que Feuerstein quis dizer com o conceito de "privação cultural".

Para Feuerstein (1997, p. 17) a "privação cultural" é definida como "um estado de reduzida modificabilidade cognitiva de um indivíduo, em resposta à exposição direta às fontes da informação".

O conceito, em Feuerstein (1997), de privação cultural, base para a explicação da baixa modificabilidade cognitiva, não tem uma única origem e nem se atribui apenas a fatores econômicos.

Como percebemos nas afirmações anteriores, é um conjunto de elementos que torna possível o desenvolvimento humano. Feuerstein enfatiza que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo somente pode acontecer de forma saudável se o mesmo receber interferência humana e ambiente modificante, capazes de proporcionar mediação adequada para lidar com o mundo.

A causa da privação cultural constatada por Feuerstein nos trabalhos realizados no Youth Aliyah2 possibilitou-lhe muitas reflexões. Por exemplo, os adolescentes marroquinos, que nos anos de 1950 a 1954 emigraram para Israel, mostravam, nos testes utilizados, uma defasagem cognitiva de três a seis anos em relação às suas idades, propiciando a Feuerstein uma oportunidade importante para a elaboração de suas novas hipóteses. A maioria desses adolescentes era analfabeta, e aproximadamente 25% deles não conheciam as diferentes operações fundamentais da aritmética. Apresentavam limitações à curiosidade, à interação e à exploração. Era difícil para eles conceitualizar, abstrair, simbolizar, representar. O que Feuerstein chamaria mais tarde de "Síndrome de Privação Cultural" manifestava-se ali pela limitada possibilidade de se modificarem para responder às demandas da nova cultura.

A privação cultural se configura como um estado do organismo que apresenta reduzida necessidade de organização das informações que facilitariam seu uso posterior em processos mentais mais elaborados, tendo, como resultado, o baixo rendimento intelectual.

## CATEGORIAS DE MEDIAÇÃO DE ACORDO COM FEUERSTEIN

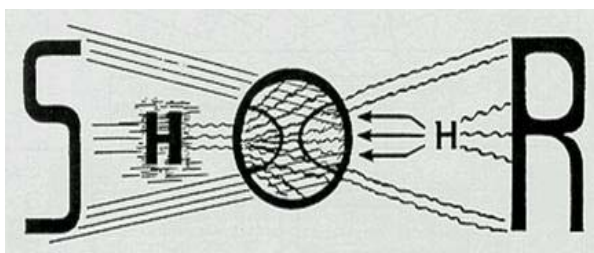
Feuerstein (1994) afirma que duas são as formas de aprendizagem humana. Uma delas é a experiência direta de aprendizado – que é a interação do organismo com o meio ambiente; a outra é a Experiência de Aprendizagem Mediada – que requer a presença e a atividade de um ser humano para organizar, selecionar, interpretar e elaborar aquilo que foi experimentado. Esse autor sustenta que os fatos ambientais e aqueles relacionados ao organismo são determinantes distais do desenvolvimento cognitivo causando respostas diferenciadas em relação ao meio ambiente, enquanto a EAM constitui o determinante proximal que influencia o desenvolvimento cognitivo estrutural e o potencial da adaptabilidade e da modificabilidade.

Para que a EAM aconteça, um mediador deve colocar-se, intencionalmente, entre o estímulo e o sujeito. Para Feuerstein (1994), isto é mediação no sentido de que a situação (estímulos e respostas) é modificada pela intensidade da qualidade, pelo contexto, pela freqüência e pela ordem e, ao mesmo tempo, desperta, no indivíduo, a vigilância, a consciência e a sensibilidade.

Feuerstein (1974) partiu de uma análise do esquema proposto por Jean Piaget para explicar o ato de aprender. Para Piaget esse ato era decorrente da interação direta do organismo aprendiz (O) com os estímulos (S) produzindo uma resposta (R), no seguinte esquema: S O R (FONSECA, 1998, p. 41).

Esse modelo S O R não era suficiente para Feuerstein. Para a aprendizagem efetiva da criança ele acrescentou ao modelo de Piaget a função do mediador humano, que ele identificou, no seu esquema, como "H".

**Fonte: (FONSECA, 1998, p. 61)**

ISSN 1809-5208
Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007 p. 297-310
UNIOESTE CAMPUS DE CASCAVEL

A aprendizagem mediada é o caminho pelo qual os estímulos são transformados pelo mediador, guiado por suas intuições, emoções e sua cultura. O mediador avalia as estratégias, seleciona as que são mais apropriadas a determinada situação, amplia algumas, ignora outras, faz esquemas. É por meio desse processo de mediação que a estrutura cognitiva da criança adquire padrões de comportamento que determinarão sua capacidade de ser modificada. Assim, quanto menos mediação for oferecida, menor será a possibilidade de o mediado desenvolver a capacidade de se modificar.

A EAM requer a presença de três parâmetros (que Feuerstein denomina de critérios de mediação) que são o objeto de atenção deliberada por parte do mediador: Intencionalidade/Reciprocidade, Significado e Transcendência

**Intencionalidade/Reciprocidade**, consideradas como um único critério são indissociáveis na mediação. O mediador deliberadamente interage com o sujeito, selecionando, interpretando e interferindo no processo de construção do conhecimento. Cumpre ressaltar que não há necessidade de uma consciência imediata da intencionalidade por parte do aprendiz, uma vez que essa consciência vai se formando ao longo de um processo. A reciprocidade, como o próprio nome indica, implica troca, permuta. O mediador deve estar aberto para as respostas do sujeito, sendo que este último deve fornecer indicações de que está cooperando, que se sente envolvido no processo de aprendizagem.



O **Significado** refere-se ao valor, à energia atribuída à atividade, aos objetos e aos eventos, tornando-os relevantes para o mundo. Por esse critério de mediação, o mediador demonstra interesse e envolvimento emocional e explicita o entendimento do motivo para a realização da atividade, verificando se o estímulo que está sendo apresentado está sensibilizando o mediado.

O terceiro critério, **Transcendência**, objetiva promover a aquisição de princípios, conceitos ou estratégias que possam ser generalizados para outras situações. Envolve o princípio de se encontrar uma regra geral que possa ser aplicada a situações correlatas, o que exige o desenvolvimento do pensamento reflexivo sobre o que está subjacente na situação, de modo a estender para outros contextos o conhecimento adquirido. Se um aluno aprende que a poluição dos rios provoca mortandade de peixes, ele pode transcender esse conhecimento e inferir que as populações ribeirinhas ficam sem o seu alimento e que a água fica contaminada para outros aspectos do cotidiano, como saciar a sede, tomar banho, higienizar e cozer alimentos e outras atividades que dependem do uso de água potável. Pode ampliar essa transcendência e perceber que, se isso acontecer em outros rios, em uma bacia hidrográfica, pode prejudicar o desenvolvimento econômico de uma região. A transcendência estimula a curiosidade que leva a inquirir e descobrir relações e ao desejo de saber mais.

ISSN 1809-5208
Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007 p. 297-310
UNIOESTE CAMPUS DE CASCAVEL

Com base no exposto, os critérios mencionados constituem o tripé da dimensão estrutural, diferenciando a forma de intervenção mediada, proposta por Feuerstein – cujos objetivos visam possibilitar aos sujeitos a transcendência das ações para outras situações. A ação mediada, na visão feuersteiniana, não se caracteriza como uma modelação externa da conduta, uma vez que pressupõe um processo de mudança interna, a partir da construção de processos psicológicos eficientes.

As variáveis do encontro mediador/sujeito são tantas que Feuerstein (1994) indica outros critérios igualmente importantes na mediação: regulação e controle do comportamento, sentimento de competência, diferenciação psicológica e individualização, comportamento partilhado, persecução de objetivos, planejamento de objetivos e o comportamento para que se possam atingir os objetivos pretendidos: competência/novidade/complexidade; mediação da consciência da modificabilidade; escolha otimista de alternativas e sentimento de pertencer a algo.

## OS DOZE CRITÉRIOS DE MEDIAÇÃO DE REUVEN FEUERSTEIN

| | |
|---|---|
| 1. Intencionalidade e Reciprocidade | Provocar curiosidade e obter respostas - O mediador apresenta a atividade de maneira motivante e desafiadora para atrair a curiosidade e expectativa do mediado. Compartilha a intenção. Encontra a linguagem apropriada para transmitir o raciocínio subjacente à seleção do conteúdo ou motivos que levaram à iniciação da atividade. Intencionalmente cria desequilíbrio, dissonância, para atrair a atenção do mediado e despertar nele a necessidade de elaborar conceitos que revelem aprendizagem. |
| 2. Significado | Atribuir e compartilhar significados e valores - O mediador atribui significados e valores para diferentes objetos, experiências e fenômenos, além das suas conotações intrínsecas inerentes. O mediador deve atribuir significado afetivo e social e nessa perspectiva lhe cabe compartilhar, com o mediado, sentimentos e atitudes pessoais e atribuir valores socioculturais para vários aspectos das experiências compartilhadas. Na atitude de encorajamento à busca por significado cabe ao mediador desenvolver no mediado atitudes de questionamento frente aos propósitos e desafios de suas experiências de vida. |
| 3. Transcendência | Extrair e transferir conhecimento - O mediador busca discernir elementos essenciais - oferece ao mediado critérios para distinguir aspectos essenciais inerentes às atividades/experiências. Extrai e generaliza princípios indicando a transferibilidade e utilidade desses elementos. Expande o sistema de necessidades: ajuda a enriquecer o repertório de experiências do mediado por meio de orientações novas e inovadoras. |
| 4. Sentimento de Competência | Analisar processos mentais - Compete ao mediador proporcionar ao mediado as condições para interpretação da própria performance e para atribuição de valor social ao seu funcionamento eficiente. |
| 5. Controle e Regulação da Conduta | Indicar Complexidade - O mediador assegura-se de que o mediado está consciente do nível de complexidade, dificuldade e requisitos da atividade antes de tentar resolvê-la, bem como medeia situações de impulsividade. Compete ao mediador motivar o mediado quando avalia que ele é capaz de responder além dos requisitos exigidos na tarefa. |

| 6. Comportamento de Compartilhar | Incentivar a adquirir consciência do interesse comum. - O mediador motiva o mediado a tomar consciência dos interesses comuns subjacentes a sua interação, apesar das muitas diferenças que os separam. Para que isso ocorra o mediador enfatiza a importância do raciocínio lógico como a base da troca de idéias, apesar das diferenças de opinião. É papel do mediador equacionar espaços que possibilitem ao mediado adquirir o vocabulário necessário para uma comunicação concisa e para desenvolver uma dialética respeitosa . |
|---|---|
| 7. Individuação e Diferenciação Psicológica | Incentivar a adquirir consciência das diferenças interpessoais - O mediador estabelece critérios para o mediado conduzindo-o a tomar consciência das diferenças de personalidade e individualidade, apesar dos interesses comuns e das muitas experiências compartilhadas. Torna-se essencial que o mediador reconheça a legitimidade dos pontos de vista divergentes e manifeste respeito pelas crenças e convicções que fluem nas interações socioculturais, bem como que motive o mediado a assumir responsabilidade pelas suas decisões, mantendo seus próprios pontos de vista, sempre que julgá-los corretos, mesmo diante da pressão exercida pelo grupo de seus pares. |
| 8. Conduta de Busca de Planificação e Realização de Objetivos | Estabelecer metas e objetivos - O mediador inspira o mediado a fixar para si mesmo, deliberadamente, novos objetivos e a projetar novas realizações, além de suas necessidades presentes, ao mesmo tempo em que valoriza as conquistas que surgem e são manifestadas pelos mediados. |
| 9. Desafio: Busca pelo Novo e Complexo | Indicar a possibilidade de modificação pessoal - O mediador orienta o mediado para a novidade e a complexidade através de experiências e estímulos, não familiares, apresentando-os como desafios. O mediador comunica segurança e desperta no mediado a percepção sobre a diferença entre "ser", que não implica mudança, e o "vir-a-ser", que implica modificabilidade - transformação. |
| 10. Percepção da Consciência da Modificabilidade Humana | Perceber o ser humano como sujeito modificável - O mediador transmite ao mediado uma sincera crença na sua aptidão para adaptar-se a novas situações e para experienciar mudanças significativas. Compara habilidades e competências atuais do mediado com performances anteriores, para compreender a extensão e o valor da mudança. O mediador propicia a desmistificação da noção de inteligência e enfatiza a acessibilidade do comportamento eficiente. |
| 11. Escolha da Alternativa Otimista | Favorecer uma abordagem otimista e confiante - O mediador encoraja o mediado a adotar uma visão confiante e orienta em direção à antecipação das dificuldades que podem impedir o sucesso. O Mediador oferece oportunidades para o mediado buscar estratégias e criar hipóteses para vencer o ensaio e o erro. Elimina a percepção nebulosa e distorcida da realidade. |
| 12. Sentimento de Inclusão | Enfatizar a pertença ao grupo de pares - O mediador sublinha os interesses comuns que formam a base para a busca do outro e do coletivo, como elemento favorável ao desenvolvimento pessoal e grupal. |

**Fonte: Reuven Feuerstein. Mediated Learning Experience (MLE), 1994. (Organização David Sasson, 20043).**

Em resumo, a Experiência de Aprendizagem Mediada por, sua característica multidisciplinar busca promover a modificabilidade cognitiva estrutural dos sujeitos envolvidos no processo. Esta modificabilidade decorre não apenas da resolu-

ção das tarefas mas da interação provocada por meio dos critérios adotados durante a EAM e especialmente pela autonomia que a mediação proporciona ao sujeito mediado. Por sua vez, este sujeito mediado torna-se também mediador, quando consegue descrever e explicar a aprendizagem construída no momento em que procura resolver as tarefas propostas pelos instrumentais.

Além disso, o mediador orienta e capacita o mediado a processar e organizar dados componentes de informação; amplia a aptidão para lidar com várias e simultâneas fontes de informação; cria uma nova aptidão para adaptar o comportamento sintetizador; possibilita maior disponibilidade para aceitar a evidência lógica; proporciona maior poder de comparação e de análise; desperta maior diversidade e motivação para interiorização e automatização dos processos psicológicos superiores. O mediador ainda possibilita ao mediado maior capacidade de comunicação atendo-se às necessidades de outros sujeitos.

É importante que todos os sujeitos que queiram se envolver em um processo de Experiência de Aprendizagem Mediada que implique transmissão e elaboração cultural (pais, educadores, diretores de Recursos Humanos e outros) sejam conhecedores dos princípios básicos que Feuerstein, em seu livro "Don´t accept me as I am", (1988) aponta:

1) **O ser humano é modificável** – a modificabilidade é própria da espécie humana.
2) **O sujeito que eu vou mediar é modificável** – para que a intervenção seja eficaz torna-se necessário que se projete um processo com intencionalidade e motivação positiva. Por mais dificuldades que o sujeito apresente, a mediação com significado e intencionalidade proporcionar-lhe-á condições favoráveis ao estabelecimento de relações e transcendência com o contexto de seu cotidiano.
3) **Eu, enquanto mediador, sou capaz de produzir modificações no sujeito** – o mediador deve sentir-se confiante e consciente ao mesmo tempo que desenvolve mediação de competências e habilidades para provocar modificabilidade cognitiva no sujeito mediado.
4) **Enquanto pessoa (mediador) também devo modificar-me** – todo processo de desenvolvimento exige do mediador um investimento pessoal em suas habilidades e performance, atributos que perpassam e alcançam uma automodificação permanente.
5) **A sociedade e a opinião pública são modificáveis e devem ser modificadas** – as práticas educativas de quem medeia produzem im-

pacto social, e quando o mediador atribui significado e intencionalidade, interagindo com seu mediado, exerce influência no processo de desenvolvimento histórico-cultural dos sujeitos que, por sua vez, repercutirão nos seus espaços de relações sociais. Embora sabendo-se que a modificação de atitudes, de práticas e normas sociais seja sempre um processo longo e demorado é sempre possível ocorrer modificabilidade quando há persistência nas ações promotoras de mudanças.

Estes cincos princípios, quando interiorizados e contextualizados no processo da Experiência de Aprendizagem Mediada, provocam um envolvimento denso e profundo no mediador e no seu trabalho com sujeitos histórico-culturais modificáveis. Assim, descortinam-se aspectos de modificabilidade no movimento histórico dos sujeitos – mediador e mediado. Ambos passam a acreditar na proposta, inserindo-se no contexto sócio-cultural de seu tempo mas, entendendo que, para isso, necessitam modificar-se constantemente.

A Experiência de Aprendizagem Mediada envolve um conjunto de princípios educativos capazes de promover em cada participante do processo a capacidade de reorganizar suas funções cognitivas, de desenvolver novos recursos de linguagem, de potencializar áreas cognitivas, possibilitando, aos mesmos, o desenvolvimento da capacidade de operacionalizar com várias fontes de informação e redimensionar formas de convívio social, afetivo e cultural.

Ao longo da história, o incremento quantitativo e qualitativo da complexidade da sociedade humana implicou no desenvolvimento de ferramentas proporcionalmente mais complexas. Nos dias de hoje, quando a "revolução" no modo de intercambiar as informações torna-se cada vez mais intensa, a relação do homem com seu meio começa a se modificar. Até há pouco tempo, a qualificação profissional era avaliada proporcionalmente pela posse de informações por parte do indivíduo. Atualmente, na medida em que o conhecimento está cada vez mais disponível, a tendência é valorizar o profissional que saiba usar criteriosa e eficientemente uma grande quantidade de informações.

Do ponto de vista da aprendizagem, toda informação serve-se de uma tecnologia própria e a questão da educabilidade cognitiva passa a ter um papel decisivo como estratégia de sobrevivência para os sujeitos envolvidos no contexto de uma sociedade onde a adaptação à mudança é imprescindível e a emergência de novas tecnologias é abrupta e imprevisível. As mudanças são prerrogativa do conhecimento e dele decorrem quando o mesmo é entendido como construção em movimento, ou, segundo Morin (1999), "conhecimento do conhecimento".

Nas relações interpessoais, os significados e os sentidos que constituem o pensar e o sentir dos sujeitos acontecem com base no que é denominado 'mediação'. De

ISSN 1809-5208

Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007 p. 297-310
UNIOESTE CAMPUS DE CASCAVEL

fato, é por esse processo e em determinados contextos interativos que se podem produzir novas possibilidades de relação entre sujeito e mundo. São as mediações que impulsionam o desenvolvimento humano ao possibilitarem, em situações de aprendizagem, a interação entre membros mais experientes da cultura com os menos experientes.

Por meio da EAM os sujeitos nela envolvidos podem melhorar seus processos mentais intrapessoais e suas relações interpessoais. Há um pensamento que diz: "...onde quer que seja requerida uma organização há mediação". Ela é pensável. Ela torna presente o ausente. Mediar é dar a ver o que não se vê. É tornar próximo o distante.

A mediação, com sua capacidade de promover o crescimento cognitivo, por meio da revalorização das funções cognitivas, e o crescimento afetivo, por meio da revalorização de si mesmo e do reconhecimento do outro, representa uma oportunidade de transformar as relações competitivas em cooperativas entre os sujeitos envolvidos nesse processo.

A Experiência de Aprendizagem Mediada pode ter inúmeras explicações e aplicações, desde a educação até a formação profissional ao longo da vida. Certamente, mediar informações é possibilitar interações de forma a conduzir o sujeito a pensar, a ser inteligente; é ensinar que inteligência não é, apenas, um dom inato, mas sim o produto de um novo olhar sobre o ser humano. Só nesta perspectiva poder-se-á alterar o rumo da sociedade, das relações educacionais e de produção. Motivar os sujeitos a produzirem experiências de mediação na perspectiva de mudanças nos contextos sócio-culturais materializa uma possibilidade otimista e de prosperidade individual e coletiva.

> [...] Ser otimista é se sentir responsável. Você diz a um individuo que ele pode se modificar, que ele pode chegar a um nível mais alto de funcionamento, que ele pode chegar a uma independência que lhe permitirá contribuir, de maneira significativa, com a sociedade. Quando você mostra que ele pode ser um indivíduo consciente, responsável por ele mesmo e por aquilo que acontece ao redor de si, quando você postula esta modificabilidade, então você está engajado. Quando nós acreditamos que isso é possível, é direito deles e dever nosso tornar isso possível. (FEUERSTEIN, 1983, p. 34).

Ao final deste artigo, podemos dizer que Reuven Feuerstein é, hoje, mundialmente reconhecido pela sua Teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada.

Para Feuerstein, a mediação é um fator de transmissão cultural. A cultura e os meios de informação são fontes para a mudança do homem. Uma mediação educativa deve ter integrados três elementos: o educador (ou qualquer pessoa que propicie desenvolvimento a outra), o aprendiz (ou qualquer pessoa na condição de mediado) e as relações (tudo o que é expressado/ vivenciado no processo de ensino e aprendizagem). O primeiro – o educador/mediador – é o elo de ligação entre o mediado e o saber, entre o mediado e o meio, entre o mediado e os outros mediados.

A experiência de aprendizagem mediada, a teoria da modificabilidade cognitiva estrutural são, ainda, conceitos recentes, apesar de serem desenvolvidos em um programa de intervenção cognitiva há mais de 35 anos.

A Experiência de Aprendizagem Mediada ajuda as pessoas a se tornarem mais flexíveis, para que suas formas de raciocínio possam interagir com novas informações, por meio de estratégias novas de percepção dessas informações. A assimilação do novo e do mais complexo exigem processos de assimilação e de acomodação a situações novas. Neste sentido, as pessoas se tornam mais aptas e têm condições de perceberem suas fragilidades e fortalezas.

O processo de mediação vai além de uma simples e orientada tarefa, de um produto, de uma orientação de aprendizagem; objetiva tornar o indivíduo capaz de agir independentemente de situações específicas e isso torna o sujeito capaz de se adaptar às novas dimensões com as quais ele irá se defrontar.

Foram aqui apresentadas as principais idéias do Prof. Reuven Feuerstein, que são aplicadas no processo de mediação e das quais tomamos conhecimento durante a trajetória de aprofundamento das teorias deste autor, incluindo a vivência da EAM na realização da pesquisa que fundamentou a Tese de Doutorado. A mediação exige uma postura de muita disponibilidade e responsabilidade por parte do mediador.

O educador-mediador entrelaça os sujeitos, favorece o processo e o avalia; proporciona uma relação de ajuda facilitadora de aprendizagens e, sua tarefa essencial, "ajuda a organizar o contexto no qual o sujeito vai desenvolver-se" (HADJI, 1992). Neste processo, o mediador é o primeiro a modificar-se e é o que mais necessita de automodificabilidade para poder chegar ao sujeito.

Mediar requer um olhar de alteridade muito grande. Como realizá-la, é o trabalho que se faz na Experiência de Aprendizagem Mediada.

## REFERÊNCIAS

CAMUSSO, D. L´implantation de l´Enrichissement Instrumental dans l´industrie, l´exemple français. In: Iº Fórum Internacional PEI: **Preparando o cidadão para um mundo sem fronteiras**. 16 e 17 novembro/2002 – Salvador – Bahia.

FEUERSTEIN, R.; RAND, Y. **Mediated learning experience: An outline of the proximal etiology for differential development of cognitive functions**. Baltimore: University Park Press, 1974.

FEUERSTEIN, R; RAND, Y.; HOFFMAN, M. **The dynamic Assessment of Retardet Performance: The Learning Assessment Device, Theory, Instruments, and Techniques**. Glenview, Illinois: Scott, Foresman & Company, 1979.

ISSN 1809-5208

Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007 p. 297-310

UNIOESTE CAMPUS DE CASCAVEL

FEUERSTEIN, R. et al. **Don´t accept me as I am: helping "retardet" people to excel. New York,** Plenun Press, 1988.

FEUERSTEIN, R.; KLEIN, P. S.; TANNENBAUM, A. J. **Mediated learning experience (MLE)**: Theoretical, Psychosocial And Learning Implications. London: Freund, 1994.

______. Teoria de la Modificabilidad Cognitiva Estructural. In: **Es modificable la inteligencia?** Madrid: Editora Bruno, 1997.

______. **Instrumental Enrichment. Baltimore**, Md.: University Park Press, 1980.

FONSECA, V. DA. **Aprender a Aprender: a educabilidade cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HAIDJI, Charles. Education et développment cognitif: le temps de l´espérance, in Avanzini, G. **Pédagogies de la mediation** – Autour du PEI, Lyon: Chronique Sociale, 1990, p. 64.

MORIN, E. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

PIERRE, L. **A inteligência coletiva**. Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

RELATÓRIO do Desenvolvimento Humano: **Liberdade Cultural num Mundo Diversificado.** Portugal: Mensagem, 2004.

SASSON, D. (org.). **Programa de enriquecimento instrumental**. Hadassah – Wizo – Canadá – Research Institute/Jerusalém, apostilas xerográficas, 2004.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

## NOTAS

[1] Este artigo foi adaptado da tese de doutorado: Exercício Profissional e Demandas da Contemporaneidade, defendida na PUC-SP, em maio de 2007. A autora é Doutora pela PUC/SP, Mestre em Sociologia Política pela UFSC/SC, Diretora do VENCER – Instituto de Pesquisa e Educação Sócio-Jurídico-Cultural – (Lages, SC) e Professora Universitária em Lages/SC.

[2] *Youth Aliyah Psychological Service* – Instituição dedicada à tarefa de receber e orientar crianças judias que chegaram a Israel. Inicialmente, no período pós-guerra de 1930, esta Instituição esteve envolvida com o resgate de crianças perseguidas pelo regime nazista alemão e austríaco. Durante e depois da Guerra o trabalho de resgate estendeu-se por toda a Europa, num esforço de reunir as crianças órfãs que haviam sobrevivido ao holocausto.

[3] SASSON. David, Consultor Internacional (Israel), colaborador do Prof. Feuerstein, Trainer Sênior pelo ICELP, International Center for the Enhancement of Learning Potential, Jerusalém. Os critérios de mediação foram apresentados durante a realização do Curso Mediação e Aprendizagem, realizado de 12 a 14 de agosto de 2004, no Centro de Desenvolvimento Cognitivo do Paraná.